

Perfis cruzados: trajetórias e militâncias políticas no Brasil. Beatriz Kushnir (org). Rio de Janeiro: Imago, 2002, 260 págs.

Alex Barros Cassal*

TECENDO A COLCHA DE RETALHOS DA HISTÓRIA

Há muitas histórias a ser contadas.

Há muitas maneiras de contá-las.

O traçado complexo de histórias acontecidas, inventadas, repetidas, modificadas, contestadas vai se tornando a própria História: uma colcha de retalhos tecida por Proteus, sempre em movimento, sempre reafirmando e contradizendo a si própria. O livro *Perfis cruzados: trajetórias e militâncias políticas no Brasil* é fruto e expressão dessa multiplicidade, ao reunir pesquisadores diversos (historiadores, sociólogos, jornalistas) para traçar o perfil de militantes também diversos.

A colcha começa a ser costurada com um nome conhecido na história da militância política no Brasil e da luta contra a ditadura civil-militar instaurada em 1964: Joaquim Câmara Ferreira, o veterano comunista e dirigente da Ação Libertadora Nacional (ALN). O texto de Noé Gertel, ele próprio um veterano comunista, não possui o olhar crítico (mais ou menos crítico) de um historiador; trata-se do elogio feito a um amigo que se foi, um “herói antifascista”, corajoso, altruísta, generoso. A história assume nesse caso um caráter pessoal e íntimo, adjetivado, sensibilizado. O relato de Noé pode não ser científico, mas é humano.

O artigo de Marcelo Ridenti, a seguir, é, na verdade, uma entrevista com o escritor Antônio Callado. Este perfil se constrói através das palavras

* Historiador formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

do próprio Callado, que expõe suas memórias e crenças (intermediadas pelo entrevistador, que propõe um contraponto de interesses e perspectivas). É um testemunho. Callado diz “o Julião esteve aqui outro dia. Está velho, coitado. Bom, também eu estou velho”. É isso mesmo: todos que participaram dessa história estão velhos ou mortos. Os jovens (e muitos velhos), agora, só a conhecem através desses relatos.

Também extremamente pessoal é o perfil seguinte: seu autor, Ivan Seixas, entrou para o Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT) ainda adolescente, participou de ações armadas, foi preso e torturado. Tudo isso juntamente com seu pai, Joaquim Alencar de Seixas, morto nos cárceres do DOI-CODI. A luta armada retratada por Ivan é vibrante, com cheiro de pólvora, medo e admiração por seus companheiros – principalmente por seu pai. O militante, aqui, não é um super-homem indômito e infalível, mas, ainda assim, é um herói. Como falar em distanciamento?

Mais um retalho: Carlos Eugênio, o Clemente, um personagem quase legendário da luta armada. Militar condecorado e guerrilheiro exímio, comandante de um grupo armado, perseguido encarniçadamente pela repressão, mas nunca capturado. No perfil proposto pela historiadora Denise Rollemberg, as memórias de Clemente se misturam e se sobrepõem, como que num filme da *nouvelle vague*; o tempo avança e retrocede, os fatos tanto esclarecem quanto escondem. Desse emaranhado uma idéia avulta: o passado não é simples, não é facilmente explicado através de sistemas teórico-metodológicos. Sempre há versões, perspectivas, ficções e verdades.

Já o relato que Marco Aurélio Vannucchi Leme de Mattos faz da trajetória do guerrilheiro Antônio Carlos Bicalho Lana seria, segundo suas próprias palavras, “a história de uma geração”: Antônio Carlos passou do movimento estudantil para a luta armada, participou de treinamento guerrilheiro em Cuba, foi capturado pela repressão e morreu sob tortura, aos 25 anos. Uma experiência radical que não foi, de fato, compartilhada pela maioria de seus contemporâneos. Mas esses poucos revolucionários como Antônio Carlos tornaram-se os personagens símbolos de sua época, nosso *passado desejado*: corajoso, idealista, rebelde.

Mas se Antônio Carlos se encaixa sem arestas no perfil de “herói revolucionário”, outros militantes (assim como Clemente) mostram-se *personagens* mais complexos, menos adequados ao papel. É o caso dos dois marujos que conviveram com o jornalista Alípio Freire na Penitenciária do Estado (SP) entre as décadas de 60 e 70. Cláudio de Souza Ribeiro e Otacílio Pereira da Silva são a *face anônima* da luta armada, face que permaneceu à sombra do combate, sem participar de ações sensacionais, sem chegar a posições de destaque, sem viver *histórias exemplares*. Não sobreviveram para se tornar figuras ilustres da luta armada como Fernando Gabeira ou José Dirceu, nem morreram como mitos – Marighella, Lamarca, Joaquim Câmara Ferreira. Um morreu na prisão, o outro, no exílio, desconhecidos, esquecidos.

O outro retalho costurado nesta colcha é de um personagem algo diferente dos anteriores. Kenneth Serbin traça o perfil não de um guerrilheiro ou intelectual, mas de um religioso – dom Hélder Câmara. Não que ele fosse uma exceção; durante os *anos de chumbo*, padres e intelectuais católicos estavam em franco namoro com a esquerda brasileira. Mas dom Hélder não foi um guerrilheiro ou um comunista; seguindo os exemplos de Gandhi e Luther King, o sacerdote defendia, naqueles tempos de guerra, a bandeira da paz. E por denunciar a prática de tortura no Brasil, tornou-se *persona non grata* para a ditadura e foi empurrado para um ostracismo eclesiástico e político.

O perfil de dom Hélder deixa claro que a oposição entre conservadorismo e rebeldia nem sempre tem limites bem definidos. Esses *campos ideológicos* permitem uma gama ampla de movimentos e posicionamentos. As tensões na tessitura da memória coletiva são constantes; alfinetes sempre permanecem escondidos na colcha de retalhos, para espetar dedos desavisados.

É o que se percebe também no trabalho de Maurício Maia, que, mais que traçar o perfil do cartunista Henfil, acompanha o próprio jornalismo brasileiro durante a ditadura. Maia relativiza o papel da censura oficial no silêncio dos meios de comunicação em relação a temas potencialmente *subversivos*, ao demonstrar que em muitas ocasiões a censura era exercida pelas próprias redações.

O perfil seguinte é composto por outros vários perfis; Beatriz Kushnir relata a trajetória de dez militantes de esquerda que foram mortos pela dita-

dura. A opção da autora, trabalhando com militantes de ascendência judaica, segue a linha que norteia todo o livro: cada pesquisador parece estar também mergulhando em seu próprio passado, nos elementos que construíram sua identidade pessoal. São perfis de companheiros, amigos, parentes. Nesse sentido, fala-se aqui de uma memória *emotiva*.

Afinal, o último retalho adicionado a esta colcha: Lúcia Grinberg resgata a figura de Adauto Lúcio Cardoso, político conservador que atuou num campo quase oposto ao dos outros personagens abordados. Adauto participou do movimento de 64 para depor Jango em nome da “defesa da legalidade”. Mas, ao proteger a autonomia e a independência do Congresso, recusando-se a cassar os colegas perseguidos pelo regime, ficou cada vez mais isolado: nem oposição nem situação. Seus “gestos radicais de um liberal”, nesse caso, identificam-se com os de Joaquim Câmara Ferreira, dom Hélder, Henfil. Todos lutaram pelo que acreditaram certo. Todos recusaram, em alguma medida, a conciliação com uma verdade imposta, que não era a sua.

Este é o ponto comum entre perfis tão diversos: os personagens retratados *agiram* no sentido de mudar a realidade, não apenas da própria vida, mas do mundo em que viviam. Aqui, qualquer maniqueísmo ideológico carece de sentido. Ilustres e anônimos, conservadores e revolucionários, heróis e vilões, se aproximam e se confundem, sem corresponderem necessariamente a esquemas teóricos e métodos explicativos. Glauber Rocha (um dos personagens que fulguram nas memórias de Antônio Callado) já lembrava: “Não me exijam coerência”.

Esses perfis estão longe de esgotar as possibilidades e os espaços vazios sobre o assunto. Grande parte dos combates (e combatentes) desse período permanecem nas trevas. Mas cada uma dessas histórias funciona como faróis, servindo de pontos de referência para todo tipo de navegantes (se sua luz conduz a portos seguros ou arrecifes, bem, isso é outra história).